

MARÉ VIVA

Director Interino: NUNO BARBOSA

SEMANARIO

ANO VI N.º 324 — PREÇO 9\$00 — 27/1/83

TRANSPORTES URBANOS SOBEM 40%.

Um dos assuntos tratados na última reunião da Câmara foi a questão do aumento dos transportes urbanos deste município, solicitado pela Turispraia, empresa que faz a sua exploração. Assim os bilhetes simples passam a custar 12\$50 e os passes de 10 viagens, 100\$00. O aumento agora registado cifra-se na ordem dos 40%, o que se pode justificar por a concessionária não ter procedido a qualquer subida de preços há já bastante tempo.

LEIA NA PÁGINA 5



CAIU O LAVADOURO DO BAIRRO!

— Página 3

“Maré-Viva” na Rádio Porto

Pois é, amigos! Passavam dez minutos das onze horas da manhã de quinta-feira, dia 20 deste mês, quando nós, Maré Viva, estivemos aos microfones da Rádio Porto. Durante cerca de meia hora o nosso jornal foi o tema principal do programa «Norte 83», produção e apresentação de Cunha Pinto.

Contámos, resumidamente, a história destas páginas que semanalmente lhe chegam à mão, e que não são tão fáceis de fazer como isso! Foi uma agradável troca de impressões, com um final ainda mais saboroso. Vamos dizer porquê:

É que a partir de agora e todas as quartas-feiras, entre as onze e as treze horas, o Maré Viva estará no programa «Norte 83»! É verdade! Lá estaremos para dizer aos ouvintes da Rádio Porto e da Rádio Alto Douro, num pequeno espaço radiofónico, quais os temas principais a serem tratados pela nossa edição do dia seguinte.

Deste modo, você, amigo assinante, poderá saber com a antecedência de um dia, quais as «caixas» do seu Maré Viva!

A concluir, aqui fica o nosso agradecimento a Cunha Pinto pela sua disponibilidade e pela divulgação e interesse que dá à Imprensa Regional, e a nós, no caso corrente! Enfim, nem tudo são espinhos!

FIM DE MÊS

UM NOVO SUPLEMENTO DO «MARÉ VIVA»

— no interior

A LARACHA

O REGRESSO DO ESPAÇO DO HUMOR

— última página

JOAQUIM SÁ

PRESIDENTE DA JUNTA DE GUETIM

«Procurarei manter o lema de só acreditar nas coisas depois da realidade!»

— Página 5

JOSÉ FIGUEIREDO AO «MARÉ VIVA»

«Tentaremos lançar gente nova na Cooperativa»

Conforme noticiámos na última edição a Cooperativa Nascente tem novos corpos gerentes. Passados 6 anos de actividade regular, distribuídas por 8 secções, a Cooperativa tem no panorama cultural da cidade uma responsabilidade que ano após ano adquiriu e tem procurado manter com um trabalho regular e de qualidade.

Numa breve troca de impressões com o novo presidente, quisemos saber qual vai ser a orientação para os próximos tempos.

Entrevista na página 5

TOTO TESTE

(4)

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	

Chega-se hoje ao fim da 4.ª série do concurso. Em breve se verá quem é o feliz contemplado com o cabaz de compras que é o 1.º prémio desta série. Ao trabalho, pois:

4.ª EDIÇÃO — 4.ª SÉRIE

- Em que cidade se deu o golpe revolucionário do 31 de Janeiro:
 - Porto
 - Braga
 - Lisboa
- Quem foi o candidato da oposição às eleições presidenciais portuguesas de 1949:
 - Humberto Delgado
 - Quintão Meireles
 - Norton de Matos
- Em que País morreu Alekhine, Grande Mestre do Xadrez mundial:
 - Inglaterra
 - Portugal
 - Argentina
- Qual o nome próprio de Mussolini:
 - Carlo
 - Luigi
 - Benito
- Que nacionalidade tem Stromberg, novo jogador do S. L. Benfica:
 - Alemão
 - Sueco
 - Norueguês
- Como se chama o mais célebre teatro de Milão:
 - Olimpia
 - Odeon
 - Scala
- Em que país se situa a cordilheira do Cáucaso:
 - Turquia
 - URSS
 - China
- Botticelli, grande pintor italiano, é autor duma das três obras abaixo indicadas:
 - «O nascimento de Vénus»
 - «A feira»
 - «A tentação de Santo António»
- Almada Negreiros está ligado à fundação de uma importante revista cultural portuguesa. Qual destas?
 - Seara Nova
 - Vértice
 - Orfeu
- Há pouco tempo faleceu Colin Chapman, grande construtor de carros de Fórmula 1. A que marca estava ele ligado:
 - Lotus
 - Aston-Martin
 - Matra
- Que nome tem a primeira obra teatral escrita por Gil Vicente:
 - Auto da Índia
 - Monólogo do Vaqueiro
 - Auto de Mofina Mendes
- Em que estação de Rádio trabalha Artur Agostinho:
 - Rádio Comercial
 - Antena 1
 - Rádio Renascença
- Complete este conhecido aforismo popular: «Vão-se os anéis, fiquem-se...»
 - Os dedos
 - As mãos
 - Os braços

PARA ESTA SÉRIE DE PERGUNTAS SERÃO ACEITES RESPOSTAS NA CHAVE QUE PUBLICAMOS E QUE SERÁ REGORTADA E COLADA NUM POSTAL DOS CTT, ATÉ 5.ª FEIRA, 3 DE FEVEREIRO, ENDEREÇADO A «MARÉ VIVA», APARTADO 43 — 4501 ESPINHO CODEX

O 1.º prémio desta série, um cabaz de compras no valor de 2.500\$00 é oferta de

COOPESPINHO

A força dos consumidores na nossa cidade
FAÇA-SE SÓCIO

Rua 62 n.º 330 — Telefone 723854 — ESPINHO

O 2.º prémio, um livro ou um disco, à escolha, é oferta do Centro Livreiro da Nascente

CHAVE DAS RESPOSTAS DA SEMANA ANTERIOR
X11 121 X22 XXX2

TUCÁTULÁ

A saliência deste número do «Maré Viva» vai para o lançamento de mais um suplemento. Desta vez, trata-se do «Fim do Mês», duas páginas que, tal como o nome indica, estarão convosco no fim de cada mês, e onde serão tratados os mais variados temas. Neste primeiro número salientamos um curioso trabalho sobre o 31 de Janeiro, uma reportagem sobre a «Operação Livro» e a «Política de Chinelos», retalhos pitorescos do começo da vida da

nossa cidade.

Na última página, temos o reaparecimento da «Laracha», a nossa página de bom humor. Ainda neste número iniciamos a publicação dos depoimentos dos Presidentes das Juntas de Freguesia do nosso Concelho, justamente com Joaquim Sá, de Guetim. E por falar em Presidentes, chamamos também a sua atenção para uma entrevista que fizemos a José Figueiredo, novo Presidente da Direcção da Nascente.

No campo desportivo, demos natural destaque ao jogo SCE. AAE, em voleibol. Fiães, Oleiros e S. Félix da Marinha são as três freguesias, de onde os nossos correspondentes nos mandam notícia.

Antes de terminarmos chamamos desde já a atenção para o nosso próximo número do qual salientamos mais um «Suplemento Desportivo». Mas se quiser saber, em cima da hora, os títulos principais do «Maré Viva», basta-lhe à ouvir o programa «Norte-83» na Rádio Porto, às quartas-feiras, a partir das onze horas. Lá estaremos, semanalmente.

PINGOS DE TV

Por MARIO CASTRIM

1 — Mantem-se a discriminação de notícias ou melhor: a selecção de notícias relativamente aos horários. Enquanto o *Telejornal* aparece recheado de ninharias ou de noticiário afecto à coligação que teima em chamar-se AD, para o noticiário do fim, à beirinha da meia-noite (à beira do sono para muitos, já do sono, para a maioria...) são atiradas notícias como estas: foi revelado documento secreto comprovativo de que o governo americano prepara uma guerra nuclear; os bispos católicos exigem dos Estados Unidos moderação perante as propostas de paz soviéticas.

A opinião pública portuguesa, a opinião democrática, deve exigir da RTP maior seriedade na informação.

2 — Disseram à RTP que era bem provável que o PSD vencesse na repetição das eleições em Ourique. Foi certamente nessa expectativa que o telejornal enviou àquela vila uma equipa de reportagem para cobrir o acontecimento. O resulta-

do foi uma tristeza, em termos de televisão, já que a reportagem fez, em Ourique, aquilo que faria — se não fosse a Ourique...

Imagens pobres, palavras pobres. Por exemplo: das manifestações de alegria da população ouriquense quando os resultados foram conhecidos — nicles. É um dos grandes paradoxos da nossa época, este de existir uma televisão — sem visão...

3 — Angelo Correia é já uma figura «pitoresca» da política trágico-burlesca que nos últimos anos tem des governado o país. Ignorante, palavroso, ridículo, cheio de vento, o Angelo («angelito») para os amigos do coração) tem uma imagem desgraçada. Pois em vez de se esconder — mostra-se...

Tivemo-lo na televisão a tomar café com eles. Asneira sobre asneira, pobreza sobre pobreza, validade com muitas gengivas. Depoimentos a seu respeito vieram quase todos de ilustres desconhecidos. Quer dizer: ninguém com um dedo de

bom-senso e de poleiro quer arriscar a sua credibilidade com um elogio a tal figura.

Das intervenções policiais que dramaticamente marcaram o reinado da AD e às quais esteve directamente vinculado o nome de Angelo Correia, não se disse uma única palavra.

Claro. A simpatia tem os seus custos...

4 — Organizaram no segundo canal um debate sobre a situação política, com a presença de Carlos Brito, pelo PCP; Almeida Santos, pelo PS; Amândio de Azevedo, pelo PSD e Ribeiro e Castro, pelo CDS.

Dois posições essenciais: a de Carlos Brito, segundo a qual a questão não é de pessoas, mas de natureza política: é má toda a política feita contra os trabalhadores, executada por esta ou aquela pessoa, pelo Balsemão ou pelo Crespo.

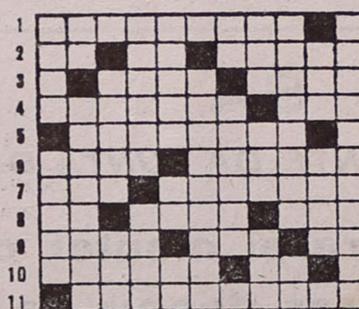
E a de Almeida Santos, que atacou a formação de um governo Crespo por ser constituído por segundas-figuras, advogando eleições legislativas e um governo de gestão que seria

continua na página 6



N.º 2

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS

1 — Papelão liço. 2 — Preposição; ele francês; nunca o faça à casaca. 3 — De lá

surgiram muitos técnicos desportivos; por lá andam os astronautas. 4 — Disparatara; é uma letra. 5 — É próprio de alguns insectos. 6 — O ébrio só gosta dela para lavar a cara; injuriei. 7 — É Espinho mas com inicial minúscula; levantareis. 8 — ... desta para melhor é morrer; guindei; não vinhas. 9 — Se tivesse mais um a era macaco brasileiro; com um sinal por cima da letra do meio é mesmo partícula activa; letra musical. 10 — Sofismar; que rico páol 11 — É mesmo bestal

VERTICAIS

1 — Os funcionários públicos são acusados de a produzirem em grande dose; quando precisar de alguém, faça-o. 2 — É mesmo antes do meio-dia; acautelava. 3 — Fica dentro do rio; este greco quer dizer universal. 4 — Tenha cautela quando ela lhe dá para fazer tollices; é marca de carro. 5 — Se não o fizer de vez em quando à bicicleta, lá vão os passeios da manhã de domingo; é alumínio; é a forma de um prefixo antes de b ou p. 6 —

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS — 1 — Caiou, medi. 2 — Perverso, AD. 3 — Ria, azeda. 4 — Erro, Emílio. 5 — Vá, pé, escol. 6 — Assinante. 7 — Rosita, Ag. 8 — Eia, ira, ali. 9 — Cá, analogia. 10 — Arad, pie. 11 — Missionário.

VERTICAIS — 1 — Prevalecem. 2 — Ceiras, ia. 3 — Arar, sra, as. 4 — IV, ópico, Ars. 5 — OEA, ensinaí. 6 — Urze, airado. 7 — Semental. 8 — Modista, opa. 9 — Alce, agr. 10 — Da, io, aliei. 11 — Ideologia.

maré viva

SEMANÁRIO

Director Interino: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
 REDACTORES — António Afonso, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
 REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Joaquim Santos, Joaquim Peito e Idalina Pedrosa
 COLABORADORES — Carlos P. Morais, Joaquim Fidalgo e Victor Sousa
 PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa, Manuel Fonseca e Victor Sousa
 CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), Fernando Fernandes (Anta), Henrique Ribeiro (Fiães), Joaquim Devesas (S. Félix Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
 Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62, 251 - Telef. 721621
 Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
 Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016 Tiragem deste número: 2.000 exemplares

PASSA-SE

SERRALHARIA CIVIL
EM ESPINHO

Na Rua 62 n.º 619

Trata:

Fernando Rodrigues

Lima

Telef. 721739

FIM DE MÊS

maré viva

N.º 1
JANEIRO 1983

O "31 DE JANEIRO" DE 1891

SARGENTOS E POVO PELA REPÚBLICA!



Durou pouco mais de duas horas a «primeira República Portuguesa, nascida e instaurada no Norte, na cidade invicta do Porto». Durou pouco mais de duas horas e foi desbaratada a tiro. Dela, alguma coisa ficou. Palpavelmente, e ainda que muitos não reconheçam, ficaram nomes nas ruas do Porto: Sampaio Bruno, Alves da Veiga, Alferes Malheiro, Latino Coelho, Elias Garcia. E a velhacina «Rua 31 de Janeiro», pois claro.

Foi a 31 de Janeiro de 1891. E foi o quê? Um «golpe de Paixão», disse João Chagas. Mais eloquente, Sampaio Bruno: «Noite de sonho, noite de anelo, em que pelo ar espesso perpassou a cândida imagem do futuro». Alguém dizia também que foi uma revolta com «muito de entusiasmo e pouco de organização».

Foi o quê, então? Jam maus, os tempos. Havia crise nas economias (já por essa altura). Havia corrupção no regime da monarquia, no Poder (já por esses dias!). Havia descontentamento. Os que se diziam nossos aliados, os ingleses, atiraram-nos com um «ultimatum» que, no seguimento da Conferência de Berlim, nos obrigava a prescindir de alguma África, de modo o dar-lhes «cor-de-rosa» para o seu mapa. Era muita coisa junta e os republicanos — já tinham o seu partido — não queriam esperar mais. Apelava-se às armas, à revolta.

«COMO NO 25 DE ABRIL...»

Dando uma «ajudinha», os sargentos estavam revoltados pelo facto de o ministro do Exército não lhes satisfazer exigências sobre promoções. «A razão está do nosso lado — diziam no seu jornal —, a força também. Logo, o que reaceamos? As armas!»

(Um parêntesis: curioso como se amontoam as semelhanças relativamente a data bem mais nossa conhecida — o 25 de Abril. Lá, foi uma revolta de sargentos; aqui, uma de capitães. Lá, as economias do país chegavam a um beco sem saída; cá, nada menos. Lá, o povo estava descontente, como se viu pelo entusiasmo com que seguiu os revoltosos; cá, foi o que se sabe. Lá, uma questão colonial meteu-se pelo meio; cá, embora diferente no fundo, que grande questão colonial — a guerra, a libertação — se atravessou! Uma diferença importante separa as duas datas: a organização, a eficácia, o resultado. Em 31 de Janeiro perdeu-se e só havia de se

ganhar daí a 19 anos. Em 25 de Abril, foi a vitória. Depois, bem, o que se viu... Fim de parêntesis.)

«As armas!» — diziam, pois, os sargentos. E pegaram nelas, com republicanos emparceirando ao lado. Mas estes estavam algo divididos, havia os que não acreditavam nos frutos da acção, temiam pela organização deficiente. Aliás, o Directório do Partido Republicano considerava a revolta prematura. Só a força das «bases» não a adiou. O adiamento esteve mesmo a acontecer quando as autoridades, que liam os jornais (era tudo tão público, tão quase ingénuo...) transferiram um monte de sargentos do Porto.

TUDO ACABOU PELA
MANHÃ

Pela madrugada, lançou-se a sorte à vida. Rua do Almada abaixo, o capitão Leitão e o tenente Coelho comandavam as primeiras tropas. O povo vinha logo a seguir. Na cadeia da Relação — onde estava preso João Chagas —, juntou-se-lhes a guarnição, comandada pelo depois célebre alferes Malheiro. Chegou-se aos Paços do Concelho, entrou-se, foi-se à varanda. Alves da Veiga proclamou a República. O actor Miguel Verdial deu os nomes de um Governo provisório. Santos Cardoso hasteou a bandeira vermelha do «Centro Democrático Federal 15 de Novembro» (a bandeira verde-rubra da República só apareceria mais tarde). Juntos, militares e povo, com banda e tudo, cantou-se uma música de Alfredo Keil, hino dos republicanos e canção patriótica então proibida: «A Portuguesa», ou seja, o hino que é hoje nosso.

Corria tudo bem, mesmo que alguns regimentos não tivessem aderido (e o 18 de Infantaria lá andava em posição dúbia, tendo ficado quieto quando as coisas azedaram). O jornal de João Chagas chamado «A República Portuguesa» — fora «o agente provocador da revolta do Porto» — saía com a «última hora» a dizer que tinha acabado «a monarquia de Bragança em Portugal».

E depois? As tropas subiram a Rua de Santo António (é hoje a 31 de Janeiro...), para tomarem lá em cima o Correio e os Telégrafos. Mas, mas lá ao cimo estava a Guarda Municipal, e começou a disparar. Foi o princípio do fim. Os homens do alferes Malheiro resistiram mais de uma hora. A retirada foi-se fazendo até ao refúgio dos Pa-

"FIM DE MÊS"
APRESENTA-SE

Começa hoje a publicar-se mais um suplemento do «Maré Viva». Demos-lhe o nome de «Fim de Mês» e tal como ele indica, estará convosco incluído no último número de cada mês do nosso jornal.

O conteúdo será variado — desde os «fait-divers» à fotografia, da Banda Desenhada à evocação histórica, da reportagem à entrevista. Com ele procuramos criar no jornal um espaço diversificado, de leitura simples, mas nem por isso falha de interesse.

Trata-se, enfim, de mais um esforço no sentido da melhoria de qualidade que pretendemos, para oferecer aos leitores mais e melhor.

ços do Concelho. Mas a Artilharia da Serra do Pilar fez o resto. Pelas 9 horas da manhã, a República voltava a ser sonho, e sonho apenas. Mas sonho forte.

Seguiram-se prisões, julgamentos, conselhos de guerra em barcos ancorados em Leixões, exílios, degredos. Uns 250 militares e uma dezena de civis foram condenados a duras penas. Alguns conseguiram escapar.

continua na página seguinte

Datas de todos nós

Impressiona um pouco e entristece bastante que certas datas da nossa história ainda recente sejam conhecidas de poucos — e comemoradas por quase nenhuns. Custa que a exaltação de certos actos importantes para a liberdade de hoje apenas fique, com toda a franqueza, ao cuidado dos velhos. E sempre os mesmos, todos os anos, na romagem ao cemitério, na saudação ao hastear da bandeira, no discurso evocativo dos que se foram...

Não é mau que lá estejam os idosos, aqueles que eventualmente viveram as coisas na carne; mau é, sim, que não estejam (lá ou em outra qualquer evocação de outro tipo) os novos, nós. Mau porque significa apenas que uma determinada data... nada significa. Porque não lhe conhecemos a história, porque não lhe medimos o alcance para o presente, porque não lhe vivemos a emoção.

Sabemos, da escola, o D. Afonso Henriques, o 1640, Aljubarrota, tudo isso. Quem não sabe? Mas nada nos disseram (dirão hoje?) do 18 de Janeiro, do 31 de Janeiro, do 5 de Outubro, do João Chagas, do Afonso Costa, do Santa Maria, do assalto ao quartel de Beja, do Norton de Matos, do Humberto Delgado, do... 25 de Abril.

Será que nos imaginamos, nós, gente mais ou menos jovem, mais ou menos de meia idade, nós, daqui a uma vintena de anos, a comemorar sozinhos o 25 de Abril? Nós, então velhos, só nós, a fazer a romagem ao cemitério e a hastear a bandeira em memória dos capitães de Abril?

E ESTE "31" EM 1980?

«Os sargentos fuzileiros Saraiva e Novais, que participaram no almoço de sargentos comemorativo do 31 de Janeiro, foram oficialmente notificados de que passariam à reserva no final deste mês.

Estes dois sargentos, cuja presença no almoço foi detectada pela hierarquia através de um inquérito digno dos tempos da PIDE, têm vindo a ser preteridos com o argumento de que não satisfazem as condições gerais de promoção. Na Armada, no entanto, toda a gente sabe que os motivos são outros. O sargento fuzileiro Saraiva, por exemplo, pertenceu à Assembleia do MFA».

(«Diário de Lisboa»,
29/2/80)

OPERAÇÃO LIVRO EM ESPINHO

Que critérios de distribuição ?

A informação chega-nos através dos órgãos de comunicação social, e é encarada como uma «operação cultural sem precedentes» no nosso país. Tudo gira à volta de 950 mil livros que estando às portas da destruição, foram «salvos», pela acção dinamizadora do Director Geral de Divulgação, escritor Mário Braga, e estão neste momento a ser distribuídos pelas Autarquias e colectividades locais interessadas. Demos, por isso, lugar à reportagem tentando dar uma mostra do que se passa ao nível do concelho de Espinho.

MAS VEJAMOS COMO TUDO COMEÇOU...

Estava a «Bertrand» com o seu armazém de Venda Nova, a transbordar de sobras. Seriam 285 toneladas de livros diversos, 250 títulos diferentes, o que totaliza 950 mil exemplares. O certo é que a editora já tinha traçado o destino a tal amontoado; iriam para a trituradora onde seriam transformados em pasta de papel.

Alertado, o Director Geral de Divulgação, Mário Braga, tentou prontamente intervir com vista a impedir a destruição dessas obras de autores como Aquilino, Herculano, Nemésio, Camões, Afonso Costa, Abelaira e Urbano Tavares Rodrigues.

E conseguiu. A Direcção Geral de Divulgação comprou as obras pela quantia, simbólica, de 198 contos, quando o seu valor, ao preço de custo, seria 70 mil contos. Era o início da «Operação Livro». A fase final, ainda não terminada, coube às autarquias que através das suas solicitações deram um destino mais adequado às obras.

Algumas dezenas de milhar de livros, foram já distribuídos e prevê-se que já não cheguem para as encomendas. Vejamos o que no nosso concelho foi feito.

A RESPOSTA DA CÂMARA AO ASSUNTO

O primeiro contacto que fizemos foi com a Câmara Municipal. E por aqui nos vamos deter um pouco, por julgarmos que daqui deviam partir todas as iniciativas a nível de concelho. Dali deveria ser empreendida uma acção enérgica no sentido de se consultarem as freguesias, colectividades de

cariz cultural, escolas e por exemplo a Santa Casa da Misericórdia e Cerciespinho. Deveria, em nosso entender, ser uma acção com o mínimo de organização para que os pedidos, das freguesias e colectividades referidas, não se façam por sua iniciativa própria, como já está a acontecer, mas sejam centralizadas através de um único, emanado da Câmara. Isto porque, de certeza, será mais fácil à DGD atender a um só pedido do que a vários. Mas o que é certo é que a Câmara não deu uma resposta capaz ao assunto.

Recebeu aquele órgão autárquico, um officio dirigido ao seu presidente, datado de 29/12/82, da DGD e que a dado passo dizia, «visamos oferecer colecções destas obras a entidades que, a nível colectivo, possuam biblioteca ou queiram iniciá-la...». Estão neste caso, no nosso concelho, muitas entidades, algumas que talvez nem a Câmara tenha conhecimento. Por aqui os contactos tornavam-se, desde já, urgentes. Logo a seguir o referido documento, prossegue, «caso V. Ex.ª considere de interesse receber as colecções pode solicitá-las, por escrito, dizendo quantas bibliotecas pretende dotar com estes livros». O documento é bem claro ao afirmar: «quantas bibliotecas pretende dotar com estes livros». Terá a Câmara elementos suficientes para dar uma resposta capaz a esta questão? Mas outros problemas podem-se levantar.

A resposta a este officio só foi dada no dia 11/1/83, 13 dias depois. Poderá ter contribuído para tal, o fim do mandato do anterior executivo, o fim do ano e o período da tomada de posse da nova ges-

tão. Mas não podemos deixar de referir aqui que, se o mesmo se passou a nível nacional, outras Câmaras houve que formularam os seus pedidos com maior antecedência, indicando, conforme noticiado nos jornais, o número de bibliotecas, colectividades e escolas que pretendiam dotar com os livros a distribuir. Nada de semelhante, como já referimos, se passou entre nós.

Entretanto o actual Presidente, Artur Bártolo, deslocou-se a Lisboa para tratar directamente do assunto e, trouxe consigo 68 livros, destinados à Câmara. Pergunta-se, desde já, que não possuindo esta uma biblioteca, qual o destino a dar aos livros? A esse respeito diz-nos o actual vereador da Cultura, Valdemar Martins, que «entendo ser isso o primeiro passo para a formação da Biblioteca Municipal. Inei tentar fazer um inventário dos livros e arquivos da Câmara, organizar um ficheiro e tentar encontrar uma repartição na Câmara onde esses livros fiquem à mercê do público». A não existência de uma biblioteca é um problema que aqui já abordamos há semanas. A este respeito são ainda as palavras de Valdemar Martins, «aposto na construção da casa da cultura mas não me agrada que seja encaixada num ou dois andares de um prédio. Bater-me-ei pela existência de uma casa da cultura polivalente. Acho que se devia para já fazer um projecto e construir-se por fases».

QUE CONTACTOS FORAM FEITOS AS FREGUESIAS?

Voltando ao caso da «operação livro», qual o conhecimento que as freguesias, potenciais interessadas, têm do assunto? Ao que se sabe, a Junta de Freguesia de Guetim, em nome do Clube Recreativo, formulou desde logo o seu pedido, baseando-se nas notícias dos jornais. Entretanto a Câmara enviou-lhes a relação de livros que tinha à sua disposição, para que aquele Clube escolhesse os que mais lhe interessasse. O mesmo sucedeu com a Junta de Silvalde que possui uma biblioteca e já enviou à Câmara uma relação com os títulos escolhidos. Entretanto não temos conhecimento do que se tenha passado em Paramos. Ao que parece nada lhe foi comunicado. O mesmo se poderá dizer em relação à Junta de Freguesia de Espinho. No que diz respeito a Anta, com quem contactamos, foi-nos dito que estariam à espera de uma comunicação da Câmara. Referiram-nos ainda que várias têm sido as deslocações do Presidente daquela Junta à Câmara para tratar de outros assuntos e que nada lhe tinha sido dito, nem sequer verbalmente. Mais nos acrescentaram que aquela freguesia está particularmente interessada nos livros já que há um comprometimento da força vencedora, APU, perante a população, da formação de uma biblioteca, estando a Junta a pensar fazer o seu pedido directamente à DGD. Posição idêntica tomou a Santa Casa da Misericórdia através de uma carta assinada pelo seu provedor ao formular o seu pedido directamente para Lisboa. E aqui julgamos, estar a Câ-

mara a não desenvolver uma acção positiva, já que, é certeza, mais difícil para DGD dar uma solução rápida a esta questão se os pedidos partirem das várias colectividades e se se fizerem com carácter particular:

O QUE FICOU DECIDIDO

Pergunta-se, em relação a esta questão, porque é que a Câmara ao mandar uma relação dos livros existentes a duas Juntas, nomeadamente Guetim e Silvalde, quando estas o solicitaram, não informou as restantes? Julgamos que este seria o procedimento mais correcto. Refira-se, ainda que a este respeito o Presidente e o vereador da cultura, e posteriormente a Câmara em reunião

do dia 21/1/83, deliberaram que «em vez de se comunicar às Juntas, para que estas lhe façam os seus pedidos, se iria proceder à requisição de 40 exemplares de cada colecção para posteriormente se dizer às Juntas e estas às colectividades».

Terá sido este o percurso mais adequado para um assunto desta importância, já que a pobreza cultural do nosso povo é maior do que a sua pobreza material? Irá a DGD corresponder aos anseios da Câmara, perante um pedido formulado desta natureza? Cá ficamos à espera para ver qual o montante de livros que as Juntas de Freguesia irão receber e, qual o critério de distribuição que se vai usar.

POLÍTICA DE CHINELOS — Emocionante folhetim de trazer por casa —

(1)

Este pequeno burgo, imprudentemente inclinado para o oceano, esse insaciável devorador de areal, tem vivido nos domínios da política doméstica uma porção de episódios que tentam qualquer aspirante a novelista a transformá-los em pequenos retalhos literários, empolgante folhetim em infíndos episódios. Respeitadas as fontes históricas e pedidas as necessárias desculpas por ocasionais inconveniências, armemo-nos em fantasioso escríva e comecemos, que o «era uma vez» ficou no tinteiro.

Há muito que aquele aglomerado de gente, habituado a lencavalitar-se nas ondas afim de surripilar ao Atlântico o seu sustento e a montar barracas para abrigar a fidalguia ávida de novos ares em época estival, tinha aspirações a burgo independente. Estar sujeito à tutela rigorosa dos homens da lavoura não era do agrado dos pescadores e banheiros nem dos poucos comerciantes que já aventuravam por estas bandas, prevendo tempos mais lucrativos.

O que será difícil de explicar é que assuntos tão ligados de espírito, como são os religiosos, viessem provocar o confronto entre os do mar e os da terra, mas a verdade é esta e não vale a pena divagar. Ora, estando os vareiros orgulhosos pela capela edificada em honras da Santa Padroeira, e tendo os banheiros adquirido uma imagem de S. Sebastião, novinha em folha, ficou decidida a realização de grandes festividades, com procissão, morteiros, tudo a puxar ao importante, menos os paramentos que pertenciam à sede paroquial.

Alimentar a validade de descarados pés-descalços era ideia que não cabia na cabeça de ninguém, muito menos do sr. Abade, que nutria uma grande aversão pelos do litoral. Se esta antipatia era provocada por ideologias ou dores de fígado é coisa que não se sabe e que pouco interessará. O facto é que a recusa foi peremptória, quem quiser paramentos que os comple.

Mas a resposta não foi menos rápida. As gentes do mar indignaram-se, o decano dos banheiros pediu acção, o farmacêutico gritou contra a prepotência, a Maria peixeira insultou e o povo marchou, estrada acima. A cultura de alfices da Alzira foi-se, a cria da vaca preta do Inácio foi-se, o sacristão foi-se antes que as coisas aquecessem, o sr. abade trancou-se por via das dúvidas e a porta da sacristia abriu-se à força de encontrões. A procissão não se faria sem paramentos.

Daqui à independência foi um passo, apesar das resistências, das ameaças, das influências. Mas isso são outras contas, a tratar em próximo capítulo...

O "31 DE JANEIRO"

«GLÓRIA AOS VENCIDOS!»

Fosse como fosse, o certo é que estávamos em 1891. Daí a 19 anos apenas, nascia um dia que foi 5 de Outubro, que foi dia da Rotunda, que foi dia da República.

O que era a República? Dizia um soldado, julgado na sequência do 31 de Janeiro: «Eu, meu senhor, não sei o que é a República mas não pode deixar de ser uma coisa santa. Nunca na igreja senti um calor assim. Perdi a cabeça então, como os outros todos. Todos a perdemos. Atirámos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos: viva, viva, viva, viva a República!».

Sabia-se o que era. Sentia-se. Trazia o cheiro da liberdade, um cheiro que tão bem se apanha no ar... quando não há

conclusão da página anterior

A conclusão fica para Fialho de Almeida e para o seu escrito «Glória aos vencidos!» publicado no jornal de Rafael Bordalo Pinheiro «Pontos nos li». Esse número, aliás, foi o último: a publicação ficou proibida.

«A revolução do Porto, que foi uma loucura tão inútil como esplêndida, deve lembrar à monarquia o quanto é rigoroso o prognóstico que mais de uma vez daqui lhe temos feito, e fará ver aos republicanos a inconveniência de procederem por grupos avulsos, sem uma senha de ordem geral, e longe desse uníssono de acção que faz sempre o êxito das grandes comédias» (...). «Podendo ter sido o facto definitivo, foi apenas um ensaio geral; mas viverá pouca quem não tiver a dita de assistir ao grande dia». Acertou.

JOGO DA MALHA:

UM CONVÍVIO DE FIM-DE-SEMANA

Ao utilizarmos a palavra popular, estamos implicitamente a falar em qualquer coisa que diz respeito ao povo. O que o povo faz, o que se destina ao povo. Contudo nem sempre, talvez a maior parte das vezes, o que é popular é feito nas melhores condições. É o que se passa com o jogo da malha, popular por excelência, que vai juntando muita gente, num largo convívio de fim-de-semana.



«Ó pá, tira daí a miúda que eu vou jogar», diz o jogador ao seu adversário, ansioso por atirar a sua malha. Ali na Mata, numa rua feita à custa da passagem de muitos camiões, devido às obras de defesa da costa. Vários grupos se reúnem à volta de dois ferros implantados no solo. Os mecos. O instrumento de jogo são círculos, também de ferro. As malhas. A arte está em atirar a malha e deitar abaixo o meco. «Já ganhamos dois pontos», diz um ao acertar. Os participantes são quatro, em posição cruzada. O jogador fica ao lado do seu adversário.

Acabou o jogo. «Já estou cheio de sede, vamos beber», diz um vencedor. «Ó colega, nós há bocado ganhamos e de-

mos a desforra. Se vocês querem beber, vamos a isso mas acho que devíamos desempatar», diz o seu adversário interessado em defender a sua reputação. «Tá bem colega. Eu estou aqui para passar tempo e nada mais».

Tentamos o diálogo. Só jogam pessoas aqui das redondezas ou também vem gente de longe? «A maior parte é daqui», diz um deles antes de lançar a sua malha. Outro entra na conversa, «eu sou de Oheiros, venho até aqui porque lá não se aprende nada de jeito». Outra vez o outro, «agora é que você falou bem».

Foi curto. A preocupação era o jogo. E os copos que se iriam beber daí a algum tempo, na continuação do seu convívio.

Nos registos da Polícia

O que há para dizer esta semana? O mesmo que sempre se lê. Pergunta-se, qual será a sensação com que o leitor fica, ao saber das «desgraças» dos outros? Satisfeito? Curioso? Informado? Bom, seja qual for vamos ao «cozinhado» desta semana. Três pessoas, três roubos, três detenções.

O primeiro será Serafim Ferreira quando no dia 17, foi «encontrado» num estabelecimento, junto ao Salão Paroquial, com 9.000 dos 14.000\$00 que seu filho, António Ferreira, de 9 anos, havia furtado momentos antes a Isaura Valente, de Silvalde. Os restante 5.000\$00 encontravam-se em poder do menor, entre a sola e a palmilha do sapato. O Serafim foi presente a Tribunal e recolheu à prisão.

A seguir, vem o caso da

Bomba Shell, na rua 62. Ai, no dia 22, foi capturado António Manuel Reis Pereira, de Espinho, por ter furtado na cabine da referida bomba, 14.700\$00. O responsável da gaveta donde foi retirado o dinheiro era o trabalhador José Gomes de Sousa, de 52 anos. O António Manuel foi presente ao Juiz de Instrução Criminal.

O terceiro e último caso desta semana leva-nos mais uma vez a falar de circo. Assim no dia 22, Amélia de Jesus Monteiro, a representar no circo Bruxelas, foi detida por ter sido encontrada no Supermercado Novo Horizonte a furtar vários artigos de maquilhagem. Talvez assim o palhaço não tenha com que se maquilhar e alegrar alguém. A Amélia foi presente ao Juiz da Comarca de Espinho.

ESPINHO / TELEX

* «Muito se constroi por esta cidade», diz-se por aí. Contudo o problema da habitação continua por resolver, talvez a sua tendência seja no sentido de mais se agudizar ainda. Mas não é desse problema que aqui vos vimos falar. Mas de ruas. São elas necessárias ao rápido andamento de qualquer obra. No entanto quer parecer-nos que a sua instalação é feita um tanto «à balda». Geralmente, quando o passeio é largo, ocupam-no todo; quando é estreito, metade da rua é «assaltada». Os perigos são visíveis, para automóveis que ficam sujeitos a acidentes e, sobretudo para peões que são obrigados, muitas vezes sem visibilidade

de alguma, a utilizarem, para prosseguirem o seu caminho, um «troço» destinado a veículos e em sítios com bastante movimento, como é o caso da rua 19.

* Mais perigoso é ainda, o que se passa na rua 62, onde no cruzamento com a 18, se registou um acidente que poderia ter tido consequências bem mais graves, já que a correlação de forças em presença era desfavorável a um dos intervenientes. Nós contamos, estávamos lá. Um camião que nada sofreu e o dono se fartou de inspeccionar e um, coitado, Renault Gordini (já não nos lembramos que existia) que merece o co-

mentário, após o acidente, de «qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência» (também não exageremos tanto). Bem. O «pesado» vinha na rua 18, direcção norte-sul, e o «boquinhas» subia a 62, ambos bastante devagar. Mas porque se deu o acidente, então? E aqui está a verdadeira razão deste apontamento. Outro camião, numa operação de descarga para uma mercearia que ali existe, parado de qualquer modo e a tapar a visibilidade para qualquer das vias que referimos, esteve na sua origem. E o reparo é feito porque esta é uma situação constantemente a repetir-se naquele local.

Caiu o Lavadouro do Bairro!

A informação chegou-nos, assim seca. «O lavadouro que estão a construir na mata, foi abaixo». Fomos até lá, ver e tentar apurar as causas. Prontamente, o sucedido foi-nos relatado. «Ao se retirarem as escoras da ponta, depois de já não terem as do meio, tudo isto foi abaixo. Parecia um terramoto». Sim, e de facto (ver foto) uma das placas de cimento armado que fazia de cobertura ali estava a dar um aspecto de ruínas, à construção. As causas. «Dizem que isto foi mal calculado, agora não se sabe

se o erro vem do empreiteiro ou do Engenheiro da Câmara».

Duas interrogações. Será que o empreiteiro, a quem foi entregue a obra, cumpriu com o que estava estabelecido no projecto? Foi a obra, depois de entregue, fiscalizada pelos respectivos fiscais que a Câmara tem para o efeito? Não sabemos. O que é certo, é que ela caiu. Não estava ninguém no local, por sorte. Mas... se naquele momento estivessem lá trabalhadores? E se acontecesse mais tarde, com pessoas a lavar? Este tipo de iniciativas

são sem dúvida meritórias, mas merecem uma maior responsabilidade por parte de quem as faz.

No regresso, lá estavam. Eram pr'áí uma dezena. Mulheres que lavam no riacho. Água fria, ao vento, à chuva.

A construção de um lavadouro é urgente, mas assim também não. Será que depois de reparados os erros, vai o novo empreendimento merecer a confiança de ser uma estrutura sólida e segura para quantos dele necessitam?

Jornadas internacionais sobre a escoliose e a cifose

Decorreram no Casino de Espinho, de 20 a 22 deste mês, as primeiras jornadas internacionais sobre escoliose e cifose, organizadas pelo serviço de Ortopedia do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia.

A escoliose é uma deformação lateral da coluna vertebral e a cifose é uma deformação também da coluna vertebral no sentido antro-posterior. Estas enfermidades em Portugal afectam cerca de 13% da população portuguesa, provocando várias deformações pulmonares, cardíacas e ainda perturbações psico-sociais.

Os indivíduos afectados por

estas deformações atingem precocemente uma situação de invalidez ou reforma. Em Portugal, existe uma técnica de tratamento que actualmente é utilizada em todo o mundo, depois de o trabalho de uma equipa médica ter publicado um estudo em Inglaterra numa revista da especialidade. Esta técnica é o resultado de estudos feitos pelos médicos Resina, de Lisboa, e testado por Ferreira Alves.

No final dos trabalhos destas jornadas o doutor Ferreira Alves fez-nos um balanço dos trabalhos, após uns minutos de espera, devido às solicitações

da imprensa presente: «A equipa orientadora sente-se satisfeita com os resultados alcançados. O nível das jornadas foi excepcional e teve a participação de figuras de primeiro plano. Existiu em todos os participantes um espírito de abertura total. Saliente, entretanto, a participação dos especialistas portugueses que aderiram a esta iniciativa. Deste modo estão asseguradas as próximas jornadas. A nossa preocupação de momento é criar em Vila Nova de Gaia um serviço de patologia da coluna, incluindo a escoliose e a cifose».

OS «PUTOS» FORAM AO CIRCO

É sempre uma alegria para as crianças, o circo, os palhaços. Mas nem sempre a qualidade é a melhor, nem sempre as condições são as ideais e os apoios quase sempre nenhuns. Foi o que aconteceu no passado dia 18, quando o circo esteve por cá, numa iniciativa que julgamos ser a primeira do género. Um espectáculo virado para as escolas primárias e infantários. Falamos com o proprietário, Nelson Eloy.

«Tudo isto foi baseado no

que vi em Itália. Um circo é sério que funciona só para as escolas, ajudado e subsidiado pelo Estado». E por cá. «Cá? Aqui o circo não tem apoios nenhuns. Se tivesse algum subsídio nem seria preciso cobrar o bilhete às crianças».

Embora com um espectáculo bastante pobre, foi, para quanta miudagem o viu, uma alegria permanente, a quebra de uma rotina e sobretudo menos uma manhã ou tarde na escola. O Palhaço foi concerteza o mais

divertido. «O espectáculo é à base do Topo-Gigio um filme comprado em Itália e legendado cá, e uma parte de palhaços. Eu faço um pouco de tudo. Não foi inteiramente do meu agrado, mas espero voltar com melhores».

Aqui fica o registo de algo que mau grado a pouca qualidade merece o nosso aplauso pela iniciativa que, para um escalão etário tão esquecido da nossa sociedade, deveria repetir-se sempre.

Casa especializada em artigos para Noivas

Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

Cabeleireira

BEM HABILITADA
EM BRUSHING

PRECISA-SE

BOM ORDENADO

R. 18 n.º 657 - Tel. 720542

PAPELARIA ACADÉMICA LIVRARIA

JORGE M. NASCIMENTO

ARTIGOS DE PAPELARIA — ESCRITÓRIO — POSTER'S
BRINDES — FOTOCÓPIAS
PLASTIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS

Rua 19 n.º 825 r/c Telef. 722209 ESPINHO

FIÃES

Canoagem e alerta contra a poluição

Organizado pelo Clube Náutico de Crestuma e com a colaboração de várias Juntas de Freguesia, realizou-se, no passado dia 16 de Janeiro, a 1.ª descida do Rio Uima em canoagem, estabelecendo-se assim a ligação das Caldas de S. Jorge a Crestuma.

Para além do interesse desportivo, pretenderam os organizadores fazer sobressair o outro aspecto de extraordinário alcance: mostrar à opinião pública o inacreditável grau de poluição que vem devastando o rio nos últimos anos.

É que do rio encantador, com elevado número de peixes, especialmente de trutas, resta agora um cemitério.

Esta triste realidade ressalta de uma crescente industrialização da região, feita sem quaisquer infraestruturas.

É incrível verificar a serenidade com que as autoridades camarárias e sanitárias vêem crescer o fenómeno da morte e da destruição da já miserável qualidade de vida da população. O rio é o despejo de todos os produtos tóxicos resultantes de fábricas de cortiça de Fiães e Lourosa e ainda das fábricas

de cromagem das Caldas de S. Jorge.

Quando se obrigarem as fábricas a construírem infraestruturas para que deixem de ser uma ameaça permanente à saúde das populações? O problema é, todavia, muito mais profundo.

No concelho da Feira vivem, actualmente cerca de 120 mil pessoas e, deste número, apenas 5% têm abastecimento de água ao domicílio e saneamento básico. Concretizando melhor, das 31 Freguesias apenas a Sede do Concelho e uma parte de Lamas têm, parcialmente, o problema da água e do saneamento resolvido.

É urgente denunciar a passividade criminosa da gestão autárquica da Feira, que tem sido sempre de maioria absoluta AD.

Freguesias com elevada densidade populacional, (Paços de Brandão, Lamas, Lourosa, Fiães e Argoncilhe, são exemplos claros) onde se têm construído imensas empresas dentro do aglomerado urbano, vivem o terrível martírio das ruas convertidas em locais de escorrência de todos os dejectos das fábricas e habitações e outro

martírio de serem obrigadas a servirem-se diariamente das águas de poços completamente inquinadas.

As Juntas do Norte da Feira, doravante, na sua maioria, governadas por gente de esquerda, têm à sua frente a difícil tarefa de sensibilizarem os insensíveis gestores da nossa Câmara, para a urgente resolução do problema da água e saneamento básico.

Em lugar de certas rivalidades doentias entre as freguesias, é urgente que estas celebrem um acordo de fundo para que com mais força façam ouvir a sua voz na Câmara.

Antes de terminar gostaria de lembrar o que o senhor Ângelo Correia, ministro de triste memória, afirmou no Salão Nobre da Câmara da Feira, aquando da inauguração de certas obras de fachada para a campanha eleitoral AD.

Afirmou o ministro: «Vamos fazer deste País uma autêntica Vila da Feira». Não há dúvida de que, desta vez, o ministro falou verdade. Mas desgraçado do País! Senhor Ministro, realçar a competência Autárquica com o exemplo da Feira...

S. Paio de Oleiros

CONCERTO FINAL

Ti Angelino Sapateiro deixou-nos. Partiu e levou com ele o engenho das suas mãos. A paciência das suas mãos. A utilidade das suas mãos. Viúvos e muito mais pobres ficaram os nossos pés.

Partiu, porque a monotonia e a fadiga de anos e anos de trabalho há muito lhe exigiam ao menos uma férias. Vão ser longas em demasia. Tão longas que, ao apertar cada dia o atilho dos sapatos, doer-nos-á a sua ausência. A ausência da sua afabilidade, do seu gosto de perfeição, do dom de ressuscitar o irrecuperável.

Irrecuperável mesmo parece ser o ofício que exercia. Extinguem-se os artesãos, à míngua de qualquer incentivo, e

nenhuma outra mão substitui a mão, agora inerte, que martelava a sola sobre o pé-de-ferro. Em contrapartida, avança o consumismo — «mastiga e delta fora» — e, enquanto nos subtraem o poder de compra, obrigam-nos cada vez mais a comprar e a comprar... novo.

Sinal dos tempos. Tempos em que, todavia, se formam organizações e se desencadeiam vontades para salvar o linco, a águia real e todas as espécies em extinção.

Ti Angelino morreu — os sapateiros também morrem. Sobre a sua banca de trabalho jazem agora a faca, a sovela, a grossa e a torquês. Definitivamente.

Antero Monteiro

Fantasporto vem aí

De 3 a 13 do próximo mês de Fevereiro, o Auditório Nacional de Carlos Alberto vai ser cenário do 3.º Festival In-

ternacional de Cinema Fantástico, o FANTASPORTO/83, mais uma vez iniciativa da revista «Cinema Novo».

Os Filmes a Concurso e o Júri

Mais de trinta filmes estarão a concurso provenientes da França, Espanha, Jugoslávia, RFA, Bélgica, URSS, USA, Argentina, Brasil, Inglaterra, Checoslováquia, Itália, Israel, Holanda, Canadá, Suíça e Suécia.

Para além destes filmes, é de salientar uma estreia mundial, a de «XTRO», uma produção inglesa realizada por Harry Davenport.

Quanto aos Juris, e disso se trata porque serão três (Internacional, da crítica internacional e ainda um do público), os dois primeiros já estão cons-

tituídos, e aqui ficam os seus nomes: Júri Internacional — por Portugal, Noémia Delgado (realizadora) e José Vaz Pereira (crítico), pela Espanha o realizador Jorge Grau, pela França, o argumentista e ensaísta Jean Claude Rohmer, pela Inglaterra, o actor Michael Gough, pela Jugoslávia o realizador Krsto Papic, e pela Bélgica o realizador Roland Lethem. O Júri Internacional da Crítica será constituído por todos os críticos acreditados no Festival que o desejem.

Retrospectivas e manifestações paralelas

Além dos filmes a concurso efectuar-se-ão três retrospectivas de cinema fantástico, dedicadas à produtora americana «RKO», à obra de Terence Fisher e ao cinema dos anos 70, esta englobando perto de vinte filmes significativos das diversas tendências do cinema fantástico da década passada.

O Cinema de Animação também estará presente, contando

com 3 filmes a concurso, e outros fora de concurso, dentre os quais destacamos uma retrospectiva do cinema de animação jugoslavo da escola de Zagreb.

Durante o decorrer do certame serão editadas obras sobre o tema, para além de estarem patentes ao público exposições de cartazes e de artes plásticas.

Município de Espinho - Edital n.º 1/83

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal de Espinho;

Faz público, que as reuniões ordinárias da Câmara Municipal de Espinho terão lugar, todas as primeiras quatro sextas-feiras do mês, no salão Nobre dos Paços do Concelho, com início às 16 horas e 30 minutos e encerramento, máximo às 20 horas.

Mais faz público que as reuniões das 1.ª e 3.ª sextas-feiras serão de carácter público, sendo as duas restantes de carácter particular.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

Espinho e Secretaria Municipal, 11 de Janeiro de 1983.

O Presidente da Câmara,
Artur Pereira Bártolo

S. Félix da Marinha

AI, AS ESTRADAS...

No folhear quotidiano e cada vez mais preocupante dos jornais diários deparamos, frequentemente, com informações ou reportagens sobre as estradas do nosso país: temos uma das mais deficientes redes rodoviárias da Europa; algumas das vias rápidas fundamentais para o desenvolvimento de algumas regiões, projectadas e prometidas há anos, não estarão concluídas nos prazos previstos por falta de financiamento; peque nos troços de auto-estradas transformam-se em verdadeiras obras de Sta. Engrácia.

É da competência das autarquias locais a abertura, melhoria e conservação de estradas municipais. Mas quantos obstáculos se não põem à efectivação de tais tarefas. Os municípios queixam-se que não lhes são distribuídas as verbas a que

têm direito. Além disso, não raro interesses particulares ditam ou condicionam decisões que deveriam ser tomadas a pensar no bem de todos.

As crianças dos lugares da Mesura e Brito que frequentam a escola primária do lugar de Espinho só podem utilizar a estrada principal que liga Espinho ao Porto. É sabido que esta estrada tem um caudal de tráfego considerável, sendo uma grande percentagem veículos pesados. Entre os referidos lugares e a escola não há passeios em que os peões e, neste caso concreto, as crianças possam circular com a segurança a que têm direito, sendo obrigados a transitar em plena faixa de rodagem. Por maiores que sejam as precauções, que não podem ser muitas nas crianças, o pe-

riço é constante.

Urge, pois, que as autoridades competentes e particularmente a Junta de Freguesia tomem consciência da necessidade de abrir estradas que permitam uma ligação mais rápida e segura, desses lugares ao de Espinho evitando, desse modo, que as crianças tenham de se servir duma via perigosamente movimentada. Tal medida, longe de ter essa finalidade exclusiva, iria, por certo, beneficiar as populações.

Esperemos que o OGE-83 seja aprovado, que as autarquias sejam contempladas com as verbas justas para que se possa exigir delas as realizações mais urgentes e úteis às populações. Só assim será possível esperar que problemas como este venham a ser resolvidos.

Amendoeiras em Flôr

AO NORTE TRANSMONTANO

Nos dias: 19 e 20 de Fevereiro
26 e 27 de Fevereiro
5 e 6 de Março
12 e 13 de Março

O deslumbramento da sua paisagem e o início da quadra mais bela do ano — a Primavera

Contacte:

CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo

Rua 12 n.º 682 — Telefones 721941 - 721285

Carnaval

no Algarve

DE 12 a 15 DE FEVEREIRO

4 dias cheios de alegria e boa disposição.

Contacte:

CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo

Rua 12 n.º 682 — Telefones 721941 - 721285

Presidente da J. F.

de Guetim ao Maré Viva:

"Procurarei manter o lema de só acreditar nas coisas depois de realizadas"

Iniciamos hoje a publicação das respostas que os Presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho deram a quatro perguntas que a todos pusemos, igualmente. Assim, e no início de mandato, aqui teremos os depoimentos dos Presidentes das Juntas de Guetim, Anta, Paramos e Silvalde. De todos eles quisemos saber o seguinte:

1. Quais são as principais carências com que se debate a sua Freguesia?
2. Que dificuldades prevê na resolução dessas carências?
3. Quais serão as principais linhas que orientarão a sua actividade?
4. Está nos planos dessa Junta sensibilizar a população da Freguesia para uma colaboração activa?

Estas as perguntas. Agora, vamos às respostas. Começamos por Joaquim Sá, Presidente da Junta de Freguesia de Guetim.

1. «Sem pretender fazer um levantamento das carências, limito-me a apontar algumas: habitacionais, saneamento básico (abastecimento de água e esgotos), escola pré-primária, jardim-infantil, Casa Polivalente, para dar melhores condições às actividades culturais existentes e incentivar outras, posto médico e de enfermagem, cursos intensivos de alfabetização e do ciclo preparatório, rede viária, transportes para o Porto desde Guetim, e depois dos 19 horas de e para Espinho, plano de ordenamento, mini-complexo desportivo, construção da ponte e pavimentação da Rua da Picadela, rua-circunvalação à freguesia, urbanização da Murraça, recuperando a zona do Rochio, regularização das casas clandestinas e loteamentos.

É, no entanto importante a beneficiação e manutenção do já existente: estradas, cemitério, Largo de Santo Estêvão, Rinque da Escola Primária (iluminação e vedação) e pontes próximo dos acessos à variante da E. N. 326.

2. Por certo que irão surgir dificuldades na resolução das carências, mas uma das motivações para os autarcas é, precisamente, lutar e vencer desafios! No entanto, apoiado nas promessas e programas dos mesmos, prevejo que muito poderá ser realizado. Quanto ao Poder Central, penso que deverá cumprir a Lei das Finanças Locais e estar sensível à descentralização, já que, se pretendem beneficiar os mais desfavorecidos, aí Guetim, in-

felizmente, seria abrangido...

3. Procurarei continuar os projectos em curso, em que venho trabalhando e actualizando desde 1974. Alguns deles solucionam questões que chegaram a ser consideradas de impossível satisfação, por parte de pessoas que, no fundo, querem tanto a Guetim como eu próprio! Porém, alguns desses projectos já estão executados... Pretendo manter o lema de só acreditar nas coisas depois de realizadas, mas nunca duvidar de tudo o que é realizável! Preocupar-me-ei também em estar dentro da vontade do Povo, e isto consegue-se desde que haja contactos regulares ao mais variado nível, pois conheço bem o meio, como é meu dever.

4. Efectivamente, como princípio, está nos meus planos continuar a sensibilizar a população desta Freguesia para uma colaboração activa, o que, aliás, tenho conseguido. Isto verifica-se ser possível no aspecto humano, já que no financeiro, as dificuldades dos agregados familiares vêm-se agravando, além do custo de vida e dos impostos, que absorvem as disponibilidades de anos anteriores. Há, concretamente, casos de pessoas idosas que recebiam mensalmente 6000\$00 de reforma a passaram a receber metade com a ameaça de terem de reembolsar a Caixa Nacional de Pensões! Perante casos deste tipo, dos quais a Junta não tem qualquer responsabilidade, cria-se um certo mal-estar, pois somos confrontados com situações reais.

JOSÉ FIGUEIREDO:

"Tentaremos lançar gente nova na Cooperativa"

Em 6 anos de existência da Cooperativa é a primeira vez que a Direcção é presidida por um jovem. Haverá nesta eleição algum objectivo diferente das anteriores?

— Há a tentativa de introduzir gente nova no trabalho da Cooperativa. Não no sentido de procurar que os objectivos sejam conseguidos de forma mais eficiente mas que os resultados sejam mais actantes.

Há várias secções que funcionam em vários locais da cidade com autonomia de orientação. A que se fica a dever tal situação?

— As secções estão situadas em vários locais devido às suas características muito próprias; isto porque por exemplo, uma secção como o teatro terá que ter obrigatoriamente instalações diferentes do que uma secção de fotografia e a nossa sede como é sabido não tem áreas suficientes para todas as secções.

Em que medida é que a nova direcção irá dispensar atenção a estas secções?

— Esta direcção irá ter um

elemento directamente ligado às secções para que o trabalho seja coordenado de forma mais eficiente.

O auditório é já uma velha aspiração da Cooperativa. Para quando o início das obras?

— O início das obras do auditório depende de muitos factores e penso que é melhor não esconder que o factor mais determinante é o económico. No entanto, está já a ser elaborado um projecto que penso e desejo seja final, no sentido de se iniciar a curto prazo as obras que deverão decorrer por fases.

E os subsídios para as obras?

Evidentemente, que esperamos subsídios para este fim, o que só poderá a vir ser requerido com o projecto final e o orçamento aprovados.

Para além das actividades normais da Cooperativa para este ano, haverá outras iniciativas culturais e recreativas. Quais?

— Há muitas ideias para por em prática, dependendo muito do trabalho da actual direcção

e dos activistas da Cooperativa.

Por exemplo, há a ideia de criar um clube juvenil ligado ao Cineclube que penso poderá trazer muitos jovens às realizações da Nascente. Relativamente, às outras secções o desejável seria conseguir a melhoria do seu trabalho em termos de organização e em especial na sua qualidade.

Face à actual composição da Câmara, o que pensa do executivo relativamente à política de subsídios?

— Penso que as pessoas são sensíveis ao trabalho cultural e que só por cegueira ou má fé poderão prejudicar a Nascente.

É importante deixar expresso o que aconteceu, por exemplo, no ano passado relativamente ao Cinanima, no que diz respeito à colaboração que tivemos da Solverde em que o seu conselho de Administração demonstrou reconhecer o inegável êxito e nome do Cinanima o que nos aponta as possibilidades e colaboração futuras quer nesta secção, quer com todo o trabalho da Nascente. E, é portanto, neste sentido de procura de colaboração que nós iremos continuar.



«Não se compreende que numa sessão que está marcada para as 16,30 h., só se abram as portas quase às 17 horas, fazendo as pessoas, que estão lá fora, esperar. Se há assuntos, e eu concordo, que devem ser tratados em privado, pois que o sejam na reunião à porta fechada. Não é trazê-los para aqui, quando a sessão é pública, atrasando o início dos trabalhos. Para a próxima só entro na sala quando as portas estiveremertas ao público». Assim começou a última reunião da Câmara, mais uma vez, com cerca de 30 minutos de atraso. A intervenção é do vereador da APU, Casal Ribeiro.

O PROBLEMA DO CICLO EM DEBATE

As carências e estado de degradação que os três edifícios do Ciclo são vítimas estiveram mais uma vez na «baila», nesta reunião. Desta feita, um officio do Conselho Directivo daquele estabelecimento de ensino, a pedir uma audiência para tratar da manutenção do seu Anexo B (ex-Colégio S. Luís) veio suscitar o debate. Assim, Artur Bártolo começou por dizer que «o novo ciclo (ainda em conclusão) é já insuficiente para comportar todos os alunos. É necessário começar a pensar na criação de novos edifícios, talvez para Paramos ou Silvalde». Expressando a mesma opinião, Casal Ribeiro diria que se deveria desde já «encarregar a Repartição Técnica de reservar

CICLO - JOGOS - SERVIÇOS

Três assuntos a merecer a nossa atenção

terrenos para um futuro ciclo.» Por outro lado o vereador da Cultura, Valdemar Martins defende a opinião de que «as escolas devem-se aproximar das populações, mas acho que mais ao nível do ensino primário». Numa intervenção um pouco mais longa que a dos outros vereadores, afirma ainda que «o Colégio de S. Luís está subaproveitado pelo que se deve fazer ali um novo ciclo, e optar por novas escolas primárias nas freguesias». A isto Bártolo contrapõe dizendo que «já há um plano sobre as prioridades do ensino primário». José Fonseca, numa curta achega diz que «a nova escola preparatória chega bem para a população de Espinho e o Conselho Directivo tem de ter a coragem de só matricular alunos aqui residentes».

Entretanto a deliberação da Câmara sobre o assunto foi a de encarregar a Repartição Técnica de proceder ao estudo dos terrenos para o novo Ciclo.

O IMPOSTO DE JOGO

O relacionamento financeiro Solverde - Município continua mais uma vez nebuloso. Esta a conclusão que está implícita na forma como aquela concessionária apresenta as suas contas da percentagem, a depositar nos cofres municipais sobre os lucros da receita do jogo. Assim foram entregues 45.205\$00 referente ao mês de Dezembro e respeitantes à emissão de cartões de entrada para os jogos tradicionais. A questão que se põe, e foi neste sentido a curta intervenção do vereador da APU, é se sobre o valor do

imposto não se terá de contabilizar também as entradas para outros jogos como sejam as slots machines e o bingo, já que a lei é omissa a esse respeito. Entretanto o assunto ficou para melhor apreciação em posterior reunião da Câmara

A PRESIDÊNCIA DOS SERVIÇOS

Artur Bártolo começa por dizer que «na última reunião se procedeu à eleição dos Corpos Gerentes para o Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, mas os cargos não ficaram bem definidos». A aceitação desta questão mereceu o acordo por parte de todos os vereadores. Assim, Valdemar Martins frisa a necessidade de «repensar os cargos». José Fonseca é de opinião que «o Presidente da Câmara deve ser o Presidente do Conselho de Administração». Rolando Sousa, por outro lado afirma que o seu voto foi um pouco «inocente» porque «pensei que o Presidente da Câmara o era por inerência. Se poubesse que não é, o meu voto seria diferente». Casal Ribeiro diz que «há toda a vantagem que assim seja e é preciso alterar a deliberação anterior porque da forma como ela foi feita, a reconduzir os anteriores membros, o presidente é o mesmo do mandato anterior». A verificar-se isto, o actual presidente continuaria a ser José Fonseca. Assim a Câmara rectificou a decisão anterior deliberando que o Presidente do Conselho de Administração dos Serviços era o actual Presidente da Câmara Artur Bártolo.

M MOREIRA Oculista
ÓPTICA

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27 N.º 700 — TELEF. 723806 — 4500 ESPINHO

PINGOS DE TV

continuação da página 2

o demitido governo Balsemão.

Esta opção do PS deve ter causado basta perplexidade entre muita gente, incluindo os socialistas. Realmente, é preciso ter uma dose superlotada de ingenuidade (ou de cumplicidade?) para admitir que um governo Balsemão poderia ser isento na luta eleitoral em que as forças de Balsemão se encontravam directamente envolvidas. Ora exemplos bem recentes provam que tal não é possível.

5 — Reparem nesta: nos distúrbios raciais em Miami (Estados Unidos) a polícia matou um negro com um tiro na cabeça. Diz a informação TV que tal aconteceu inadvertidamente quando a polícia disparava para o ar...

Que a televisão defenda a polícia portuguesa, ainda se poderá explicar; mas que se ache na obrigação de também defender a polícia americana — não será demais?!

FITAS

A GUERRA DO FOGO, uma co-produção franco-canadiana, estará desde amanhã no écran do Cinema do Casino. Trata-se de um bom filme em que o realizador Jean-Jacques Annaud faz uma reconstituição da vida do homem pré-histórico. Descoberto o fogo por guerreiros dum tribo primitiva, seguem-se outras descobertas não menos importantes, tais como a mulher e o amor. Diz a crítica que o filme «usa uma linguagem simples e realista, prendendo a atenção do espectador, da primeira à última imagem».

Como nota curiosa, adiantemos que todo o diálogo é feito numa linguagem especialmente

construída para o filme, com poucos vocábulos e sons que os especialistas consideram como próximos das formas de expressão oral do Mesolítico.

É, portanto, uma obra que merece ser vista. Não valerá a pena salientar nomes do elenco, por se tratar de actores desconhecidos.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA
BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

LAVANDARIA

LAVAR



A MAIS AVANÇADA
TÉCNICA NA LIMPEZA E
TRATAMENTO DO SEU
VESTUÁRIO

Limpeza a seco — Lavagem
e secagem de roupa branca,
couros e antilopes

SERVIÇO RÁPIDO

RIBEIRO, VALENTE & C.ª, L.ª

RUA 12 N.º 640 — TELEF. 723704

ESPINHO

A Nova de Espinho

TINTURARIA e LAVANDARIA

Lavados a seco com rapidez
Tintos em todas as cores
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.

R. 22 n.º 495 - Tel. 721074
ESPINHO

Agostinho Pedrosa

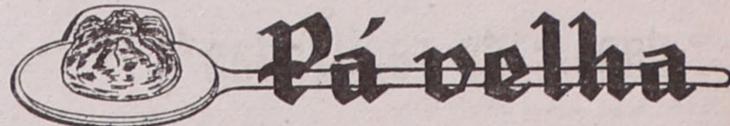
MÉDICO PEDIATRA

Marcação a partir das 15 horas
às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feira

Consultório — Rua 19, 343, Sala B
Telefone 722713 — ESPINHO

Residência — Brito - P. da Granja
Telefone 7620795 — V. N. GAIA

CONFEITARIA



Especialidades regionais — Pastelaria sempre fresca

Ângulo das ruas 20 e 23 - Telef. 722514 - ESPINHO

Casa Travassos

Lembra-lhe que em tempo de
austeridade a bicicleta é o
seu transporte.

ANG. DAS RUAS 18 e 15
ESPINHO

TABACARIA DO MERCADO

TABACOS - REVISTAS
JORNAIS - TOTOBOLA

Rua 23 (Mercado Municipal)
Telef. 722717 — ESPINHO

CAFÉ * SNACK-BAR

GOLFINHO

Especialidade em Francesinhas

Rua 2 n.º 663 — ESPINHO

NUNO A. PEREIRA

PSQUIATRA
MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS NERVOSAS

CONSULTÓRIO: RUA 31 N.º 321
MARCAÇÕES — 18,30 H. — 21,30 H.
TELEFONE 720689 — ESPINHO

ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752
Telefone 720461
ESPINHO

Aquário - Marisqueira

RESTAURANTE — CERVEJARIA

Especialidade em Mariscos e Peixe Grelhado

Rua 19 n.º 28 Telef. 720377 ESPINHO

António da Silva Miguel

Fábrica de peças em Poliéster — Revestimentos
em Carrinhas, etc.

Estrada de Gavião - Esmojães - Anta — Tel. 720559
4500 ESPINHO

LONDON PUB

RUA 27 N.º 710 — ESPINHO

— A partir de 29/1/83, funcionaremos, aos
sábados e domingos à tarde com

Pista de Dança

— A partir de 3/2/83, aos fins-de-semana à noite,
com

Música ao Vivo

Aberto de 2.ª a 6.ª das 21 h. às 2 h. e aos
sábados e domingos das 15 h. às 2 h.

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 720592
ESPINHO

FONSECA

TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

MODAS MENDES

LANIFICIOS
MODAS — CAMISARIA

R. 16 n.º 683 - Tel. 720168
ESPINHO

Para comprar
bom Café

Casa Alves Ribeiro

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA
AO PÚBLICO

Rua 19 n.º 294

ESPINHO

VOLEIBOL - Nacional da 1.ª Divisão

ESPINHO, 3 — A. A. E., 1

(15-9; 15-3; 13-15; 15-5)

Pela primeira vez, as duas equipas mais representativas do voleibol espinhense defrontaram-se a contar para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. O jogo teve um desfecho normal, tendo em conta o maior potencial voleibolístico dos sportinguistas. Mas foi uma partida agradável de seguir, e em que as equipas alinharam do seguinte modo:

SCE — António Rocha, António Castro, Fernando Tomás, Fernando Castro, Carlos Queirós, Filipe Vitó, Carlos Freitas, Bruno Correia, Carlos Alberto e Luís Correia.

AAE — José Nunes, Fernando Correia, Edgar Martins, Augusto Sá, António Pinto, Manuel Camboa, Rui Paulino e Manuel Cardoso.

Atendendo ao carácter especial deste derbi espinhense, pedimos a dois ex-atletas de cada um dos clubes envolvidos na contenda que nos fizessem um breve comentário ao que viram. Eis pois os depoimentos de Carlos Padrão e António Melo:

A VISÃO DE CARLOS PADRÃO (ex-SCE)

Foi com natural contentamento e alguma expectativa, que assistimos ao jogo de voleibol entre o S. C. de Espinho e a A. A. de Espinho, a contar para o Campeonato Nacional da Divisão Maior, embora numa fase zonal. Supomos ter sido a primeira vez que os dois Clubes Espinhenses se defrontaram na disputa daquela prova. Dupla satisfação, por considerarmos tratar-se de um derby local, o que traduz, e confirma, o grande carinho e interesse que as gentes de Espinho devotam à modalidade. Para nós, como antigo praticante, foi deveras agradável.

Relembramos, com muita saudade, alguns encontros disputados nos anos cinquenta, com muito ardor, vivacidade e desigualmente, com salutar rivalidade. Cumpríamos então os disputadíssimos Campeonatos Regionais da I Divisão da A. V. do Porto.

Não sou dos apelidados saudosistas. Contudo, expressamos alguns comentários, despretensiosos, ainda que os julguemos pertinentes, e, que poderão servir para reflexão. Do jogo, sinceramente, não gostamos. As equipas, esquematizaram sistemas táticos idênticos, e, que consideramos os mais evoluídos. Só que, as figuras do prélio, os jogadores não o serão tanto. Registamos muitas falhas, provenientes da deficiente técnica individual de grande maioria dos atletas, e até reduzido entusiasmo e mesmo desinteresse posto no jogo, por parte dos intervenientes e público. Verificamos inúmeros bolares falhados, recepções defeituosas (tantas), faltas na rede, blocos esquecidos, sabemos lá que mais.

Entendemos ser preferível utilizar esquemas mais simples, ainda que a espaços, garantindo maior segurança no desenvolvimento das jogadas, e evitando tantas perdas. Ou será que ficará mal, utilizar táticas antiquadas e imaginadas primárias? Diminuirão técnicos e atletas? A pretensa espectacularidade não reduzirá a eficiência?

Pois bem, no passado, ainda não muito distante, no tempo do voleibol ao ar livre, bem mais humilde, mas muito menos perdulario, também se praticava o 5.1 — o 6.6 — efectuavam-se blocos, «manchetes», «plungeons» e outras práticas espectaculares. Mas também se utilizava o 4.2 e defendia-se, com muita inteligência, (entendemos nós), a mais eficiente da tácti-

cas, que nomeávamos «O PONTO A PONTO».

Temos para nós, que o voleibol é uma modalidade desportiva, de difícil aprendizagem e execução. A sua prática implica aturado e assíduo treino, e, fundamentalmente muita serenidade e presença física. Trata-se de um jogo muito rápido, disputado numa área reduzida, o que exige reflexos activíssimos, boa distribuição e coordenação das unidades. Ora, se os atletas treinam pouco, se a escola de formação daqueles foi deficiente, se a forma ou presença física não são as adequadas, porque é que não haveremos de ser mais realistas? O espectáculo não sairá mais enriquecido? Não lucraremos mais, atletas, treinadores, espectadores e consequentemente os Clubes? Sejamos realistas.

Perdoem-me, todos, o desabafo.

O COMENTÁRIO DE ANTONIO MELO (ex-AAE)

Após cerca de 12 anos voltaram a encontrar-se Sporting de Espinho e Académica a contar para o Nacional de Voleibol da Divisão Principal.

Que dizer deste jogo, cujas equipas, aliás, foi a primeira vez que vi actuar esta época?

Muito pouco, tão fraco foi o nível técnico da partida principalmente nos 2 sets iniciais que mais pareciam de equipas do escalão secundário. E a uma delas, a do Sporting de Espinho, há que exligr muito mais pois é um dos candidatos ao título. O seu ataque esteve mal, mas, como possui atletas de estatura superior acabou por levar de vencida o seu antagonista com maior ou menor dificuldade, antagonista este em que a sua defesa baixa não funcionou e que na recepção esteve francamente mal.

Em suma, um jogo a não deixar saudades que valeu apenas pelo seu 3.º set em que houve um pouco de emoção no seu desfecho.

FUTEBOL - Taça de Portugal

Lusitano de Évora, 3 - Sp. Espinho, 3

Só ao fim de 120 m. de jogo se chegou a este resultado que obriga a novo encontro. É quase lugar comum, mas a verdade é que... aconteceu Taça.

Duas equipas de escalões diferentes empenharam-se a fundo e ofereceram aos espectadores alentejanos um encontro muito bem disputado, com o marcador a funcionar por seis vezes.

O SCE atacou bem, com saliência para Vitorino e Mória. No capítulo defensivo, e contra o que é costume, é que as

coisas não estiveram tão bem. Mendes defendeu muito e bem, excepção feita ao 3.º golo do Lusitano, onde nos pareceu que poderia ter feito mais...

Enfim, o resultado aceita-se e premeia todo o trabalho desenvolvido por ambas as equipas.

Sob a arbitragem de Graça Oliva, o SCE alinhou: Mendes; Dinis, Balacó, Serra e Raul; João Carlos, Carvalho e Pinto da Rocha (Moinhos, 67 m.); Salvado, Mória (Bábá, aos 90 m.) e Vitorino.

Marcadores: Mória (2) e Moinhos.

BANCADA DE IMPRENSA

Raul Nazaré, árbitro do Marítimo-Sporting, e que, mesmo no final do encontro que a RTP transmitiu em directo fez domingo oito dias, marcou um penalti contra os madeirenses, quando estes venciam por 1-0, desencadeou uma onda de violência que atingiu os limites do intolerável. Efectivamente, e baseando-nos na reportagem do jornal «Record», o autocarro que transportou os «leões» desde o Estádio dos Barreiros até ao Aeroporto de Santa Catarina, foi selvaticamente apedrejado por adeptos (serão mesmo?) do Marítimo. Isto causou danos consideráveis no veículo e um «cagaço» tremendo (e compreensível) entre os atletas do SCP que nele seguiam, e que, dados os factos, tiveram de fazer uma curta viagem debaixo dos bancos do autocarro. Tudo isto por causa de um penalti que para nós, meros tele-espectadores, até nos pareceu justo...

Na passada quinta-feira, entrevistado pelo jornal «A Bola», dizia o mesmo Raul Nazaré: «Verifico por esses campos que a indisciplina está relacionada com a vida agitada que nós, portugueses, vivemos. Não está na nossa intenção ilibar totalmente os árbitros deste País, que, devido à muita impreparação de alguns, boa dose de culpa têm no cartório. Todavia, temos de dar razão ao desabafo de Raul Nazaré — a frustração da maioria dos portugueses face ao difícil dia-a-dia é escoada no fim-de-semana, geralmente contra os homens do apito. Homens que, segundo a velha «Voz dos Ridículos», são «os únicos lavradores que apanham milho fora do campo! Até quando?»

RESULTADOS DA SEMANA

Naturalmente que o grande destaque dos resultados desta semana vai para a vitória da equipa de Andebol do SCE sobre o Desportivo de Portugal, o que permitiu aos espinhenses a obtenção do 3.º lugar na fase inicial da Divisão de Honra e o consequente apuramento para a Fase Final da competição, juntamente com as formações do F. C. Porto, Académica de S. Mamede, Desportivo de Portugal, Sporting, Benfica, Belenenses e Almada.

ANDEBOL

Div. de Honra — Desp. de Portugal, 20 — SCE, 22

HÓQUEI EM CAMPO

Honra — Sport, 2 — AAE, 0

Reservas — Sport, 2 — AAE, 0

HÓQUEI EM PATINS

Nac. da 2.ª Divisão — Carvalhos, 10 — AAE, 4

Infantis — AAE, 4 — Sanjoanense, 2

Iniciados — AAE, 3 — Sanjoanense, 1

VOLEIBOL

Nacional da 1.ª divisão: SCE, 3 — AAE, 1

AAE, 0 — Esmoriz, 3

Leixões, 3 — SCE, 2

Feminino — Famalicense, 1 — SCE, 3

SCE, 3 — Guimarães, 0

Iniciados masculinos: AAE, 0 — Col. Carvalhos, 3

Esmoriz, 0 — SCE, 3

Juvenis: — AAE, 2 — Esc. Florbela Espanca, 3

Manuel Correia da Silva

(ADVOGADO)

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º

Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745

4000 PORTO

RAICÁ

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896

ESPINHO

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401

4500 ESPINHO

LEI Agência

Contribuintes — Contabilidade
Documentação Auto — Traduções
Seguros em todos os ramos

Valos - FIAES — Tel. 7641281

Igreja - SANGUEDO — Tel. 7641243

Rua 24 n.º 751 - Tel. 720431

4500 ESPINHO

NO PRÓXIMO NÚMERO

SUPLEMENTO DESPORTIVO

Acompanhe o Futebol ao

FUNCHAL

de 4 a 6 de Fevereiro

Contacte a

CONCORDE - Agência de Viagens e Turismo

Rua 12 n.º 628 — Apartado 114 — ESPINHO

Telefones 721941 - 721285 — Telex 24407

A distribuição dos Pelouros

Para a primeira reunião da Câmara já estavam presentes todos os vereadores, quando chegou o sr. presidente, de pasta «samsonite» na mão direita. «O sr. presidente de pasta?», admiraram-se. «Teve que ser, para trazer os pelouros todos. Bem tentei metê-los nos bolsos do casaco, mas ficavam tão atafalhados... E depois onde é que metia o jornal?»

Pousou a pasta na mesa, abriu os fechos com um estalido e um frémito de emoção perpassou pela vereação: ali estavam eles, os pelouros, tentadores, prontos a usar: o Turismo, a Piscina, as Obras, a Cultura e todos os outros, que durante três anos iriam fazer as delícias dos felizes contemplados.

Passado um primeiro momento de estupor, logo mãos ávidas se acercaram da pasta, mas estes gestos atrevidos foram prontamente castigados por vigorosas sapatadas do sr. presidente: «Vamos lá a estar quietos com chispes, que isto não é o da Joana». A ordem voltou à pequena assembleia, posta em respeito pela energia do presidente, mas não sem que um dos vereadores desabafasse num cochicho: «E fala ele em diálogo. Se isto é diálogo, vou ali e venho já!»

«Ora vamos lá ao que interessa». Era o presidente a retomar o domínio dos acontecimentos. «Como estão a ver, isto é que são os pelouros. Como não posso ficar com todos, vou ter que os distribuir. Democraticamente, está claro. É muito simples. Vocês põem-se todos no meio da sala, leu atiro os pelouros e fica com eles quem os agarrar.»

Os vereadores, acotovelando-se, dispuseram-se a aguardar os lançamentos do sr. presidente que, para maior imparcialidade, se pôs

de costas para a arena. Começou pelo pelouro das Obras, saltou com ele na mão, e deu o veredicto: «Este fica para mim». Ainda os vereadores não se tinham refeito do drible, já o pelouro do Desporto cruzava os ares da sala, a grande altura: o vereador Rolando, valendo-se da impulsão que lhe deram as lides voleibolísticas, chamou-lhe um figo, mas de imediato se formou uma «mélée» em torno do detentor do troféu. O presidente teve de acorrer a separar os contendores, o que foi aproveitado pelo vereador Albernaz para uma rápida visita à pasta e uma não menos lenta subtração do pelouro do Turismo. Apesar dos protestos gerais, o presidente disse não ter visto nada, deixando que Rolando e Albernaz saíssem satisfeitos, e ameaçando com o amarelo os que discutissem as suas decisões.

Retomando o lugar, serviu o pelouro Mercados e Cemitérios, que José Fonseca, que entretanto se pusera em cima de uma cadeira, não teve dificuldade em agarrar. «Assim também eu!», barafustava Casal Ribeiro, já com os raros cabelos em desalinho. Mas o sr. presidente, como se nada fosse, prosseguiu com os lançamentos: Valdemar Martins, libertando-se de uma placagem, apanhou a «Cultura», Rodrigues de Sá, depois de rastejar Casal Ribeiro apanhou-se dos Parques e Jardins, e este último teve que se resignar com o derradeiro pelouro. Este cruzou os ares, fez ricochete num dos retratos na parede e foi cair no cesto dos papéis: era o pelouro do «Lixo».

Foi o último a abandonar a sala, cabisbaixo, após o que o sr. presidente, passando o lenço pela testa, deu por encerrada a sessão.

Uma nova política das maiorias

«Uma lição para o país», assim se referiu o novo presidente da Assembleia Municipal ao processo que conduziu à sua inesperada eleição para o cargo que parecia destinado a Avelino Zenha. Assim pôde o dr. Ferreira de Campos, de um modo sucinto e extremamente feliz, traduzir o espírito sui-génis que passou a orientar a manobra política espinhense.

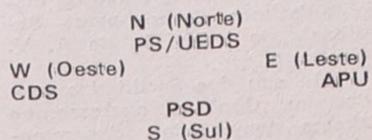
Como já é sabido, na AM deu-se a curiosa circunstância de PS/UEDS e APU terem votado cada um a sua lista para a Mesa daquele órgão, permitindo que fosse eleita a lista do PSD por reunião dos votos do PSD e CDS. Os teóricos da «maioria de esquerda» devem ter ficado pior do que baratas, sem compreenderem que, a partir de agora, o «partidarismo tradicional» já tem os dias contados em favor duma muito maior elasticidade nos arranjos políticos. Aliás já em Anta, onde a APU tinha ficado isolada, e em Paramos, onde ao PS/UEDS tinha acontecido o mesmo, fora dado o tom do anticonvencionalismo na política de alianças neste país espinhense.

«Nada mais vai ser como dantes», confiava-nos um dos mais credenciados analistas políticos locais, tão convencido estava de que nada mais será como dantes.

Com efeito, estão abertas as portas para as mais variadas hipóteses de alianças pontuais, passando os tradicionais chavões de «maioria de esquerda» ou «minoridade de direita» à simples condição de resíduos da história política.

O esquema que a seguir apresentamos sugere uma visão

simplificada de todas as possibilidades abertas às estruturas partidárias com vista à orientação planificada da sua actuação:



Assim vejamos os exemplos mais próximos: na AM funcionou a aliança Sul-Oeste (PSD-CDS) face à passividade do Norte e do Leste, cada um para seu lado. Já em Anta, prevaleceu a aliança N-W-S e em Paramos a coligação W-S-E.

Mas isto ainda não é nada, se pensarmos nas outras possibilidades: N-E, N-W, N-W-E, N-E-S, e por aí adiante. No entanto, os observadores políticos locais crêem que o «diálogo Norte-Sul» poderá ser uma das coligações mais privilegiadas, ao invés da concertação Leste-Oeste que se afigura como das que reúne menos chances. Não deixa no entanto de ter as suas hipotesezinhas.

Do mesmo diagrama resulta também claro que uma possível deslocação da UEDES para nordeste, ou até para noroeste (tu-

do é de admitir), abriria um leque ainda maior de possibilidades que viriam aumentar ainda mais a expectativa já gerada em torno do «tudo-pode-acontecer» da política espinhense.

Isto para não falar da possibilidade, não registada, de a UDP ter conseguido o seu lugarzito, colocando-se a sul-sudeste ou nor-nordeste, o que transformaria a distribuição partidária espinhense numa rosa-dos-ventos quase completa.

Mas não nos percamos em divagações, porquanto os leitores já devem ter em seu poder todos os dados para poderem interpretar notícias que, como estas, por certo passarão a figurar nos títulos da imprensa local: «Maioria norte-sul funcionou na Câmara Municipal» ou «Proposta sulista derrotada na AM» ou ainda «PSD faz viragem a sudoeste».

Restará acrescentar que, face a esta nova situação, os diversos representantes nos órgãos autárquicos espinhenses passarão a deixar os respectivos programas partidários em casa, substituindo-os nas reuniões pela indispensável bússola, ou até, pelo sextante, nos casos mais delicados.



«O Valdemar na Cultural? Estás a mangar comigo!»

Nos bastidores da Câmara

O vereador do Desporto foi-se queixar ao presidente de que um elemento da oposição (?) o tentara aliciar para fazer o jogo doutro partido. Assim interpretara o facto do presumível aliciante se lhe ter dirigido trauteando a «Canção de Rolando».

O vereador da Cultura não achou piada nenhuma a uma «gaffe» do presidente da Câmara que se lhe dirigiu, em plena sessão, chamando-o de «dr. Valdemar e Terra».

Não está ainda marcada a data para a transmissão das chaves do automóvel da Câmara Municipal para a posse do novo presidente.

Deu algum trabalho ao presidente da Câmara esclarecer o novo vereador do Turismo que essa sua nova condição não lhe dava direito, por inerência, a ocupar um lugar na administração da Solverde.

Quando apresentou a proposta da criação de dois lugares para vereador a tempo inteiro, que aliás veio a ser rejeitada, o vereador da Higiene e Limpeza ainda não tinha pensado em ninguém em particular para a ocupação dos respectivos cargos.

A «Gazeta de Espinho» foi o primeiro jornal a publicar-se em Espinho. Foi fundado em 1901 e o seu último número de publicação regular foi publicado em Outubro de 1935. Depois disso, e por longos anos nunca mais apareceu à venda a «Gazeta». Há pouco tempo foi publicado um número especial desse ex-semanário. Pois está neste momento em preparação a retomada de publicação da «Gazeta de Espinho», com periodicidade mensal e com características definidas: uma espécie de memória do mês em Espinho, com colaborações várias. A iniciativa pertence a um grupo de espinhenses alguns dos quais fazendo parte do grupo que comprou o Teatro S. Pedro.



Assembleia Geral da Nascente

A pedido da Direcção, convoco os associados da Nascente para em Assembleia Geral a realizar na sede da Nascente, no dia 2 de Fevereiro de 1983, pelas 21,30 horas, deliberarem sobre:

- 1 — Revisão dos valores das cotas
- 2 — Outros assuntos de interesse da Cooperativa.

Se à hora marcada não estiver presente número de sócios suficientes, a assembleia funcionará na sexta-feira a seguir, à mesma hora e no mesmo local, com qualquer número de sócios.

Espinho, 15 de Janeiro de 1983

O Presidente da Mesa,
Augusto Marinho da Mota

